

SERMÃO 12

NOTAS INTRODUTÓRIAS

Este Sermão – diz o Prof. Burwash – era originalmente suplementar ao dez, dado que o sermão onze foi interpretado em 1771. Ele coloca diante de nós o estado de tranqüilidade continua que decorre da experiência inicial de segurança aí descrita. A primeira segurança se condiciona pela fé somente, e isto mediante a obediência consciente que a fé nos habilita a guardar. Wesley faz descansar essa segurança sobre o testemunho da consciência. A fé, a esperança e o amor são, segundo Wesley, a essência da religião. Mas o primeiro efeito da fé é a paz, ou o alívio que a natureza moral experimenta do sentido de culpa. Por outro lado, boa esperança só pode viver ao lado de boa consciência; e o amor une-se à consciência para produzir todas as boas obras. Há, pois, na experiência cristã, perfeita unidade e harmonia entre os elementos morais e religiosos. Há também continuidade deste elemento moral unido aos elementos precedentes da experiência cristã. A fé, o testemunho direto, a confiança habitual e o testemunho da consciência seguem-se, em ordem natural, resultando um de outro, e são reciprocamente de necessidade absoluta. Wesley distintamente reconhece a presença e o poder do Espírito Santo em cada um daqueles fatores da vida religiosa, tanto no último como no primeiro. A consciência, tanto quanto a fé, vê as coisas de Deus pelo Espírito de Deus”.

A definição da consciência dada por Wesley, derivando-se das Escrituras, sofrerá a prova do criticismo e do tempo, que também prova todas as coisas. Gradualmente os escritores de filosofia moral estão lançando os mesmos fundamentos. Um recente escritor, que adota a filosofia intuitiva, afirma que há três estados da razão pessoal: consciência, que é o estado concreto; consciência própria, que é a razão atuando sobre as coisas exteriores a ela, bem como as interiores; e subconsciência, que forma os materiais sobre que a razão atua. Segundo esta divisão da razão, a consciência é o estado de consciência própria, que se relaciona com objetos de bem e mal, determinada por si própria. Este ato de consciência própria só é retamente realizado, segundo Wesley e as Escrituras, quando o Espírito Divino ilumina o entendimento e a obediência se segue à convicção do dever.

ESBOÇO DO SERMÃO 12

I. Que é consciência? Não mera consciência, mas consciência do bem e do mal, implantada por Deus na alma. Sua regra é, geralmente, a lei escrita no coração; especialmente a Palavra de Deus.

II. Uma boa consciência implica: 1. Numa reta compreensão da Palavra de Deus. 2. No conhecimento de nós mesmos, abrangendo as tendências interiores e a conversação exterior. 3. Na concordância destas com a regra estabelecida. 4. Na percepção interna desta concordância.

O fundamento disto deve ser posto na fé em Nosso Senhor Jesus Cristo.

A descrição que faz o Apóstolo da boa consciência. “Conversação” inclui toda a vida interna e externa; “simplicidade” é a reta intenção; “sinceridade” é a fiel execução da intenção, não mera moralidade de natureza, mas operação em nós do poder do Espírito Santo.

III. A alegria decorre disto é: 1. Não alegria natural, nem mera exuberância de espírito. 2. Não simples cegueira da consciência, encobrendo o pecado. 3. Não o endurecimento da consciência, tendo prazer no pecado. 4. Mas alegria na obediência, no amor de Deus e na guarda de seus mandamentos.

SERMÃO 12



O TESTEMUNHO DO NOSSO PRÓPRIO ESPÍRITO

“Pois o nosso regozijo é este, o testemunho de nossa consciência, de que em simplicidade e piedosa sinceridade, não com sabedoria carnal, mas pela graça de Deus, temos tido nossa conversação no mundo”.

(2Coríntios 1.12)

1. ESTA é a voz de todo o verdadeiro crente em Cristo, enquanto permanece na fé e no amor. “Aquele que me segue, diz nosso Senhor, não anda em trevas”: e enquanto ele tem luz, regozija-se nela. Como “recebeu o Senhor Jesus Cristo”, assim nada em Cristo, e a exortação do apóstolo nele se cumpre dia a dia: “Regozijai-vos sempre no Senhor; digo-vos outra vez: regozijai-vos.”

2. Como, porém, não podemos construir nossa casa sobre a areia, (para não acontecer que, descendo as chuvas, soprando os ventos, avolumando-se as enxurradas, batam com ímpeto sobre ela, e caia, e seja grande sua ruína), tenciono mostrar neste discurso qual a natureza e o fundamento da alegria do cristão. Sabemos, de modo geral, que ela consiste naquela paz feliz, naquela clama e satisfação de espírito, que procede do testemunho de sua consciência, conforme a descrição que nos faz o apóstolo. Para compreendermos isto mais profundamente, pesarei, entretanto, todas as suas palavras, de modo que claramente apareça tanto o que devemos entender pela palavra *consciência*, como o que devemos entender por *testemunho* dela; e também o motivo por que se regozija eternamente o que possui esse testemunho.

3. E, primeiro, que compreendemos por *consciência*? Qual é a significação desta palavra, que corre, aliás, de boca em boca? Uns imaginam que seria coisa extremamente difícil saber-se ao certo o que seja ela, principalmente se considerarmos quão vastos e numerosos volumes foram escritos, no correr dos tempos, sobre este assunto, e como todos os tesouros da erudição antiga e moderna se tem esgotado, na ânsia de o esclarecer. E, depois de todas essas indagações meticulosas, ainda se deve reconhecer que o assunto não recebeu até agora bastante esclarecimento. Ao revés, muitos desses escritores não tem embaralhado a questão, “obscurecendo o conselho por palavras sem entendimento”, embrulhando um assunto sem si mesmo claro e fácil de entender? Porque, pondo-se de parte as palavras rebuscadas, todo homem de coração honesto logo entenderá a questão.

4. Deus nos fez seres pensantes, capazes de perceber as coisas presentes e de evocar as coisas passadas, refletindo sobre elas. Em particular, somos capazes de perceber o que se passa em nosso coração e em nossa vida; de conhecer o que sentimos ou fazemos, e isto tanto em relação ao presente como em relação ao passado. Expressamos esta verdade com afirmar que o homem é um ser *consciente*: ele tem consciência ou percepção interna, tanto das coisas presentes como passadas, relativas a si próprio, a suas tendência e conduta exterior. Mas o que chamamos usualmente *consciência* implica em alguma coisa mais do que isso. Não é meramente o conhecimento de nossa presente vida ou a lembrança de nossa precedente existência. Recordar, dar testemunho das coisas presentes ou passadas, é somente um e o último dos ofícios da consciência: sua principal missão é desculpar ou acusar, aprovar ou desaprovar, absolver ou condenar.

5. Alguns escritores recentes tem dado novo nome a essa atividade, deliberando designá-la como *senso moral*. Mas a palavra antiga parece preferível à nova, levando-se somente em conta que ela é mais corrente e familiar entre os homens, e por isso mais fácil de ser entendida. Aos cristãos ela é inegavelmente preferível ainda por outra razão: é escriturística, sendo a palavra que a sabedoria de Deus escolheu para empregar nos escritos inspirados.

Segundo a significação com que é geralmente usada na Bíblia, particularmente nas epístolas de S. Paulo, podemos entender por *consciência* – a faculdade ou poder, implantada por Deus em toda alma que vem ao mundo, de perceber o que é justo ou injusto, em seu próprio coração e vida, em suas tendências, pensamentos, palavras e ações.

6. Mas, qual é a regra por que os homens devem julgar do bem e do mal? Por quem deve ser dirigida sua consciência? A regra dos pagãos, como o apóstolo ensina em algum lugar, é “a lei escrita em seus corações”. “Estes – diz ele – não tenho lei” externa, “são lei para sim mesmos: a qual mostra a obra da lei”, aquilo que a lei externa prescreve, “escrita em seu coração” pelo dedo de Deus; “sua consciência

também testificando” se eles andam ou não segundo essa regra, “e seus pensamentos, ao mesmo tempo acusando ou exculpando”, absolvendo, defendendo-os, η και απολογουμενων. (Rm 22.14 e 15). Mas a regra cristã do justo e do injusto é a Palavra de Deus, os escritos do Velho e do Novo Testamento, tudo quanto os profetas e os “homens santos do passado” escreveram “segundo eram movidos pelo Espírito Santo”; todas as Escrituras que foram “dadas por inspiração” de Deus, e que na verdade são “úteis para a doutrina” acerca do que é contrário a ela; para “correção” do erro e “para instrução”, ou para educar-nos “na justiça” (2Tm 3.16).

Esta é uma lâmpada para os pés dos cristãos, luz para todos os seus caminhos. Somente a esta ele a recebe como sua regra do justo e do injusto, do que é realmente bom ou realmente mau. Ele não reputa coisa alguma como boa, a não ser que a Palavra recomende, seja diretamente, seja por interferência lógica; o cristão nada reputa como mau, a não ser que seja ali proibido, quer expressamente, quer por inegável dedução. O que a Escritura nem recomenda, nem prescreve, quer diretamente, quer por consequência clara, o cristão acredita ser de natureza indiferente, não sendo, em si mesmo, nem bom, nem mau. Esta é a regra única e total por que é dirigida sua consciência em todos os assuntos.

7. Se de fato a consciência for dirigida verdadeiramente por este padrão, “Terá a aprovação de uma boa consciência para com Deus”. “Uma boa consciência” é o que em outro lugar o apóstolo chama de “consciência livre de ofensa”. Assim, aquilo que ele uma vez expressa nestes termos: “Tenho vivido em toda a boa consciência para com Deus até este dia” (At 23.1), exterioriza, em outra ocasião, pelas seguintes palavras: “Nisto me exercito, para ter sempre uma consciência livre de ofensa diante de Deus e diante dos homens” (24.16). Para isto requerem-se de modo absoluto: 1) Uma reta compreensão da Palavra de Deus, de sua “santa, aceitável e perfeita vontade” no tocante a nós, como se revela na Escritura: é impossível que andemos segundo uma regra, se não soubermos o que ela significa. 2) Um verdadeiro conhecimento de nós mesmos, (e quão poucos o tem alcançado!) o conhecimento de nosso coração e de nossa vida, de nossas inclinações íntimas e conversação exterior, visto que, não os conhecendo, não é possível compará-los com a nossa regra. 3) Uma perfeita concordância de nosso coração e vida, de nossas inclinações e conversação, de nosso coração e vida, de nossos pensamentos, palavras e obras, com aquela regra, com a Palavra escrita de Deus: se nos faltar essa concordância e se tivermos consciência, esta só poderá ser uma consciência má. 4) Finalmente, uma percepção interna dessa concordância com nossa regra: esta habitual percepção, esta consciência interior, é propriamente uma *boa consciência*, ou, segundo outra frase do apóstolo, “uma consciência livre de ofensa, diante de Deus e diante dos homens”.

8. Mas, quem quer que deseje ter uma consciência assim livre de ofensa, cuide de lançar um fundamento adequado. Lembre-se de que “outro fundamento” “ninguém pode por, a não ser o que já foi posto, isto é, Jesus Cristo”. E lembre-se também de que ninguém edifica sobre Jesus Cristo, a não ser por meio de uma fé viva; que nenhum homem é participante de Cristo, até que testifique claramente: “a vida que eu agora vivo, vivo-a pela fé no Filho de Deus”, no Cristo que foi agora revelado em meu coração; o qual “me amou e deu-se a si mesmo por mim”. Só a fé é a evidência, a convicção, a demonstração das coisas invisíveis, pelas quais os olhos de nosso entendimento, estando agora abertos, a luz divina inflectindo sobre eles, “vêem as coisas maravilhosas da lei de Deus”; sua excelência e pureza; a altura, profundidade, largura e espessura dessa lei e de cada mandamento que nela se contém. É pela fé que, considerando “a luz da glória de Deus na face de Jesus Cristo”, percebemos, como sobre um espelho, tudo quanto há em nós, até os movimentos mais íntimos de nossa alma; só por ela pode o bendito amor Deus ser “derramado em nossos corações”, habilitando-nos, assim, a amarmos-nos uns aos outros como Cristo nos amou. Por ela se cumpre a graciosa promessa feita e a todo o Israel de Deus: “Porei minhas leis em sua mente e as escreverei (ou gravarei) em seus corações” (Hb 8.10), produzindo em suas almas inteira consonância com sua santa e perfeita lei “e trazendo em cativoiro rodo pensamento para a obediência de Cristo”.

E como uma árvore má não pode dar bom fruto, assim uma árvore boa não pode dar mau fruto. Como o coração do crente inteiramente se conforma com a regra dos mandamentos de Deus, assim acontecerá com sua vida; e, tendo consciência disto, pode dar glória a Deus e dizer com o apóstolo: “Este é o nosso regozijo, o testemunho de nossa consciência, de que em simplicidade e piedosa sinceridade, não com

sabedoria carnal, mas pela graça de Deus, temos tido nossa conversação no mundo”.

9. “Temos tido nossa conversação”. O apóstolo, no original, expressa tudo isso numa única palavra — *ανεστραφημεν*; mas a significação desta palavra é excessivamente lata, abrangendo toda nossa conduta, em qualquer circunstância, interior e exterior, desde que relacionada com nossa alma e nosso corpo. Ela inclui todo movimento de nosso coração, de nossa língua, de nossas mãos, de nossos membros. Estende-se a todas as nossas ações e palavras, ao emprego de todos os nossos poderes mentais e faculdades, à maneira de usarmos todos os talentos que houvermos recebido, quer em relação a Deus, quer em relação ao próximo.

10. “Temos tido nossa conversação no mundo”, mesmo no mundo dos ímpios, e não apenas entre os filhos de Deus (o que seria comparativamente pouca coisa); mas entre os filhos do diabo, entre os que estão entregues à maldade, *εν τω πονηρω*, ao maligno. Que mundo, esse! Como se apresenta profundamente impregnado do espírito que constantemente o bafeja! Como nosso Deus é bom e faz o bem, assim o deus deste mundo e todos os seus filhos são maus e praticam o mal (na medida que lhes é permitido), a todos os filhos de Deus. Como seu pai, eles sempre estão à espreita, ou “andando em torno, buscando a quem possa tragar”, usando de fraude ou de força, astúcia secreta ou violência ostensiva, para destruir os que não são do mundo; continuamente combatendo contra nossas almas e, com armas antigas e modernas, com artifícios de toda espécie, trabalhando para fazê-los recair no laço do diabo, - na larga estrada que leva à perdição.

11. “Temos tido nossa conversação” num mundo tal, “em simplicidade e bondade sincera”. Primeiro, em simplicidade: isto é que nosso Senhor recomenda sob o nome de “olhos simples”. “A luz do corpo – diz Ele, são os olhos. Se, pois, teus olhos forem simples, todo teu corpo será luminoso”. A significação da passagem é esta: teus olhos são para o corpo o que a intenção é para todas as palavras e ações; se, pois, os olhos de tua alma forem simples, todas as tuas ações e conversação serão “luminosas”, cheias da luz do céu, de amor, paz e alegria no Espírito Santo.

Somos, portanto, simples de coração, quando os olhos de nossa mente se acham exclusivamente fixos em Deus, como nosso Deus, nossa porção, nossa fortaleza, nossa felicidade, nossa altíssima recompensa, nosso tudo, no tempo e na eternidade. Isto é simplicidade: quando uma visão firme, uma única intenção de promover sua glória, fazendo sua bendita vontade e com esta acertando, corre através de toda nossa alma, enche todo nosso coração e é a fonte perene de todos os nossos pensamentos, desejos e propósitos.

12. Em segundo lugar, “Temos tido nossa conversação no mundo” em “piedade sincera”. A diferença entre simplicidade e sinceridade parece ser esta: a simplicidade visa à própria intenção: a sinceridade se prende à execução daquela; e a sinceridade se refere não meramente às nossas palavras, mas a toda nossa conversação, no sentido tão amplo como foi acima descrito. Não se deve aqui entender no sentido restrito em que S. Paulo mesmo algumas vezes a emprega, significando falar a verdade, abster-se do engano, do artifício e da dissimulação; mas num conceito mais amplo, como atualmente ferindo o alvo a que nos propomos atingir pela simplicidade. Conseqüentemente, ela implica, neste lugar, em estarmos de fato dizendo e fazendo tudo para a glória de Deus; que todas as nossas palavras, não somente tendem para esse alvo, mas na realidade se conduzem em direção a ele; que todas as nossas ações correm numa torrente contínua, uniformemente submissa a esse grande fim; e que, em toda nossa vida, estamos tendendo diretamente para Deus, e isto sem intermitências; andando proveitosamente nos altos caminhos da santidade, nas veredas da justiça, da misericórdia e da verdade.

13. Esta sinceridade é chamada pelo apóstolo “piedosa sinceridade”, ou “sinceridade de Deus” – *ειλικρινεια θεου*, para prevenir nosso erro, ou engano, confundindo-a com a sinceridade dos pagãos (porque também estes tem uma espécie de sinceridade no trato de homem para com homem, e pela qual professam não pequena veneração); do mesmo modo para denotar seu objeto e seu fim, como de toda virtude cristã, visto que tudo que não tende finalmente para Deus, real entre “os elementos miseráveis do mundo”. Caracterizando-a como a sinceridade de Deus, o apóstolo também aponta seu autor, o “Pai das luzes, de que procede todo bem e toda dádiva perfeita”, o que é mais claramente declarado nas seguintes palavras: “Não com sabedoria carnal, mas pela graça de Deus”.

14. “Não com Sabedoria carnal”: como se ele houvera dito: “Não poderíamos assim conversar no mundo, por qualquer força natural ou entendimento, nem por qualquer conhecimento ou saber naturalmente adquirido. Não podemos alcançar essa simplicidade, ou praticar essa sinceridade, pela força do bom senso, bom temperamento ou boa educação. Ela vai muito além de nossa coragem natural ou resolução, assim como ultrapassa nossos princípios de filosofia. O poder do hábito não é capaz de arrastar-nos a isto, nem as regras mais requintadas da cultura humana. Nem pude eu, Paulo, chegar a tal altura, não obstante todas as vantagens de que desfrutava, enquanto estive *na carne*, em meu estado natural, e procurava alcançá-la somente através da sabedoria carnal, natural”.

E, se isso estivesse nas mãos do homem, certamente Paulo podia tê-la alcançado por aquela sabedoria, porque dificilmente podemos conceber alguém mais altamente favorecido com todos os dons, tanto da natureza como da educação. Ao lado de suas capacidades naturais, provavelmente não inferiores às de qualquer contemporâneo seu, ele possuía todos os benefícios da erudição, tendo estudado na Universidade de Tarso e tendo depois se colocado aos pés de Gamaliel, pessoa do maior conceito que então havia em toda a nação judaica, tanto pela cultura como pela integridade de caráter. Possuía todas as vantagens da educação religiosa, sendo fariseu, filho de fariseu, formado na mais rigorosa seita ou profissão, e distinguindo-se dos demais por uma severidade preeminente. Nisto tinha ele “aproveitado mais do que muitos” outros, “que eram seus iguais” em anos, “sendo mais abundantemente zeloso” no tocante ao que entendia melhor agradar a Deus e, “no tocante à justiça da lei, impecável”. Mas não lhe fora possível alcançar por esses dons a simplicidade e a sinceridade piedosa. Tudo seria tempo perdido. Em um profundo, cortante sentimento dessa inutilidade, ele foi afinal constrangido a clamar: “As coisas que para mim eram ganho, reputei-as como perda por amor de Cristo; reputo todas as coisas como perda pela excelência do conhecimento de Cristo Jesus, meu Senhor” (Fl 3.7,8).

15. De modo nenhum poderia ele jamais alcançar isso, a não ser “pela excelência do conhecimento de Jesus Cristo”, nosso Senhor, ou “pela graça de Deus”, – outra expressão de valor aproximadamente igual. Pela “graça de Deus” algumas vezes se entende aquele livre amor, aquela misericórdia imerecida, pela qual eu, pecador, mediante os méritos de Cristo, agora sou reconciliado com Deus. Mas neste lugar ela significa antes poder de Deus, o Espírito Santo, que “opera em nós tanto o querer como o perfazer sua boa vontade”. Desde que a graça se à nossa lama, - a graça de Deus (no último conceito), o poder de seu Espírito, toma lugar nessa lama. E agora podemos fazer, por meio de Deus, aquilo que ao homem era dantes impossível. Agora podemos dirigir retamente nossa conversação. Podemos fazer todas as coisas à luz do amor e no poder deste, por Jesus Cristo, que nos fortalece. Podemos ter “o testemunho de nossa consciência” (o que jamais poderíamos conseguir pela sabedoria carnal), de “que, em simplicidade e sinceridade piedosa, temos nossa conversação em todo o mundo”.

16. Esta é propriamente a base da alegria do cristão. Agora podemos claramente conceber como se alegra transbordantemente aquele que tem em si mesmo esse testemunho. “Minha alma – pode ele dizer – engrandece ao Senhor, e meu espírito se alegra em Deus, meu Salvador.” Regozijo-me naquele que, de seu livre e imerecido amor, de sua livre e terna misericórdia, “chamou-me para o estado de salvação”, no qual, pelo seu poder, permaneço. Regozijo-me, porque seu Espírito testifica a meu espírito que fui lavado no sangue do Cordeiro e que, nele crendo, “sou membro de Cristo, filho de Deus e herdeiro do Reino dos céus”. Regozijo-me, porque o sentimento do amor de Deus para comigo operou em mim, pelo mesmo Espírito, o amor a Ele, e, por sua causa, o amor a todo homem, a toda alma por Ele formada. Regozijo-me, porque Ele permite-me sentir em mim mesmo “a mente que havia em Cristo”: - simplicidade, olhos simples a traduzirem todos os impulsos de meu coração; poder para sempre fixar os olhos de minha alma, cheios de amor, naquele que “me amou e entregou-se a si mesmo por mim”; poder para buscar somente a Ele, à sua gloriosa vontade, em tudo que penso, digo ou faço; pureza, nada mais desejando senão a Deus, “crucificando a carne com suas afeições e cobiças”; pondo minhas afeições “nas coisas de cima, e não nas coisas da terra”; santidade, recuperação da imagem de Deus, renovação da alma “segundo sua semelhança”; - sinceridade piedosa, dirigindo todas as minhas palavras e obras de modo condizente com sua glória. Nisto igualmente me regozijo, sim, e regozijar-me-ei, porque minha consciência me testifica no Espírito Santo, pela lua constantemente projetada sobre ela, que eu “ando firmemente segundo a vocação

com a qual fui chamado”; que “me abstenho de toda aparência do mal”, fugindo ao pecado como se deve fugir a uma serpente; que, segundo as oportunidades que tenho, faço todo bem possível, de toda espécie, a todos os homens; que sigo a meu Senhor em todos os meus caminhos e faço o que é aceitável à sua vista. Regozijo-me, porque vejo e sinto, pela inspiração do Espírito, que todas as minhas obras são feitas em Deus e que é Ele que opera em mim todas as minhas obras. Regozijo-me, porque vejo através da luz de Deus, brilhando em meu coração, que tenho forças para andar em seus caminhos e porque, pela sua graça, não me desvio nem para a direita, nem para a esquerda.

17. Tal é o fundamento e a natureza daquela alegria, na qual o cristão adulto se regozija sobremodo. E de tudo isto podemos claramente inferir, primeiro, que tal alegria não é a alegria *natural*. Não resulta de qualquer causa natural, nem de qualquer súbito transbordamento de espírito: este pode produzir um transporte passageiro de alegria, mas o cristão *regozija-se sem cessar*. Ela não pode ser causada pela posse de saúde ou bem-estar físico, de resistência ou vigor de constituição, porque a alegria cristã é igualmente forte na fraqueza e na dor – e em tais circunstâncias talvez se mostre mais vigorosa de que de ordinário. Muitos cristãos jamais experimentaram alegria que se compare à que lhes encheu a alma, quando o corpo se achava mais ou menos consumido de dores ou amesquinhado por penosa doença. Muito menos pode essa alegria ser atribuída à prosperidade temporal, ao favor dos homens ou à plenitude de bens terrenos; porque, justamente quando sua fé foi como que provada pelo fogo, por toda espécie de aflições exteriores, é que os filhos de Deus se alegraram melhor naquele que é invisível e a quem amavam, com alegria indizível. E nunca, certamente, houve homens que se regozijassem como os que foram tratados “como refugio e escória do mundo”; que andavam errantes, sofrendo falta de todas as coisas; em fome, frio, nudez; que padeceram não somente “cruéis escárneos”, mas ainda “cadeias e prisões”; que, afinal, “não tendo a vida como preciosa a seus próprios olhos, podiam terminar com alegria a sua carreira”.

18. Das precedentes considerações podemos inferir, em segundo lugar, que a alegria do cristão não resulta de cegueira de consciência, de sua incapacidade para discernir o bem e o mal. Longe disto: o crente fora de todo estranho e essa alegria, até o momento em que se abriram os olhos de seu entendimento; não a conheceram enquanto não alcançaram sentidos capazes de discernir o bem ou o mal. E agora os olhos de sua alma não bruxuleiam no escuro: eles nunca foram tão penetrantes; mostra-se agora tão sensíveis à percepção das menores coisas, que essa acuidade causa espanto ao homem natural. Como um átomo se torna visível sobre um raio de luz, assim, aos olhos do que anda na luz, sobre os raios do Sol inciado todo átomo de pecado se torna visível. Jamais ele fecha os olhos da consciência: aquele sono antigo dele se apartou para sempre. Sua alma está sempre desperta: nenhum cochilo, nenhum cruzar de braços para descanso. O crente sempre vela na torre, à escuta do que dirá o Senhor a seu respeito, sempre regozijando-se nisto: “ver o que é invisível”.

19. A alegria do cristão não resulta, em terceiro lugar, de endurecimento ou calosidade da consciência. É verdade que uma espécie de alegria pode provir daquelas causas, naqueles cujos “corações loucos estão em trevas”, cujos corações se acham empedernidos, inertes, surdos à sensibilidade e, conseqüentemente, sem entendimento espiritual. Em razão da insensibilidade de seu coração, eles podem regozijar-se mesmo cometendo pecado – (e a isso talvez chamem, mui provavelmente, *liberdade!*) – sendo, na verdade, cegueira da alma, fatal entorpecimento de espírito, estúpida anestesia de uma consciência cauterizada. Ao contrário, o cristão possui a mais delicada sensibilidade, sensibilidade com que jamais poderia ter sonhado em outros tempos. Jamais tivera ele tal enternecimento de consciência como tem-no agora, após reinar o amor de Deus em seu coração. E isto também constitui sua glória: saber que Deus diariamente lhe ouve a oração:

“Oh! Que minha alma terna voe
Ao primeiro toque deplorável do mal:
Rápido como o pestanejar cauteloso,
Sinta o mais sutil deslizar do pecado!”

20. Em conclusão: a alegria do cristão é o alegrar-se na obediência; alegrar-se no amor de Deus e na guarda de seus mandamentos, mas não em os guardar de tal sorte que possa perecer estejamos

preenchendo as cláusulas do pacto das obras, Como se por quaisquer obras ou justiça de nossa parte quiséssemos assegurar o perdão de Deus e nossa aceitação por parte dele. Não; fomos perdoados e aceitos antes, pela misericórdia de Deus em Jesus Cristo. Não foi pela nossa obediência que alcançamos a vida, a vida que se contrasta com a morte do pecado: também essa vida nós a recebemos antes, pela graça de Deus, “que nos despertou quando estávamos mortos em pecados”: agora “vivemos para Deus, mediante Jesus Cristo nosso Senhor”. Mas nós nos regozijamos em andar segundo o pacto da graça, em santo amor e bendita obediência. Regozijamo-nos no conhecimento de que, “justificados pela sua graça”, não “recebemos a graça de Deus em vão”; conhecendo que, tendo Deus livremente (não pelo nosso correr, ou querer, mas pelo sangue do Cordeiro), nos reconciliando consigo mesmo, corremos, com as forças que Ele nos dá, o caminho de seus mandamentos. Ele “nos armou fortaleza para a luta” e nós alegremente “combatemos o bom combate da fé”. Regozijamos-nos naquele que vive em nossos corações pela fé, para “apoderarmo-nos da vida eterna”. Este é o nosso regozijo: como “nosso Pai operou até aqui”, assim (não pelo nosso próprio poder ou sabedoria, mas pelo poder de seu Espírito, livremente dado em Cristo Jesus), também faremos as obras de Deus. E possa o mesmo Deus operar em nós aquilo que é agradável à sua vista! A Ele seja o louvor para todo o sempre!

QUESTIONÁRIO SOBRE O SERMÃO 12

- P. 1. (§ 1). Que se diz ser a voz do verdadeiro crente?
- P. 2. (§ 2). Que se propõe mostrar o pregador, e por quê?
- P. 3. (§ 3). Que se diz dos volumes escritos sobre a consciência?
- P. 4. (§ 4). Que nos fez Deus?
- P. 5. (§ 5). Que nome se deu à consciência?
- P. 6. (§ 5). Que palavra o pregador profere, e por quê?
- P. 7. (§ 5). Que entendemos pela palavra *consciência*?
- P. 8. (§ 6). Qual é a regra dos pagãos? Qual a dos cristãos?
- P. 9. (§ 7). Que é uma boa consciência?
- P. 10. (§ 8). Que é necessário para isso?
- P. 11. (§ 9). Que quer o apóstolo dizer por “conversação”?
- P. 12. (§ 10). Que se diz deste mundo?
- P. 13. (§ 11). Que se quer dizer por “olhos simples”?
- P. 14. (§ 12). Que se diz, em segundo lugar, de nossa conversação?
- P. 15. (§ 13). Como essa sinceridade é chamada pelo apóstolo?
- P. 16. (§ 14). Que se diz da sabedoria carnal?
- P. 17. (§ 14). Que se diz do fato de S. Paulo atingir isso?
- P. 18. (§ 15). Que se quer dizer pela expressão: “a excelência do conhecimento”?
- P. 19. (§ 16). De que vem a ser isto o fundamento?
- P. 20. (§ 17). Essa alegria é natural?
- P. 21. (§ 18). Qual é a segunda inferência?
- P. 22. (§ 19). Que se diz daqueles cujos corações loucos estão em trevas?
- P. 23. (§ 20). Como se conclui o sermão?